



**Recensão / Book review: QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio
(ed.) – *Social inequality in Early Medieval Europe. Local
societies and beyond*. Turnhout: Brepols, 2020 (360 pp.).**

José Carlos Quaresma

Universidade Nova de Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Instituto de Estudos Medievais
1070-312 Lisboa, Portugal

josecarlosquaresma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-3139-1975>

Data recepção do artigo / Received for publication: 18 de Setembro de 2020



O editor desta obra conjunta, Juan Antonio Quirós Castillo, é professor de Arqueologia Medieval na Universidade do País Basco, Honorary Research Associate no Institute of Archaeology do University College of London e editor da série *Documentos de Arqueología Medieval*.

Como o próprio título indica, esta obra centra-se na análise histórica e arqueológica da desigualdade social durante a Alta Idade Média, ou seja, entre o fim do Império Romano do Ocidente e a formação do Medieval pleno, com trabalhos que rondam essencialmente a segunda metade do primeiro milénio da nossa era e, em particular, os últimos séculos deste segmento temporal. O volume radica no simpósio internacional realizado, a 22 e 23 de Setembro de 2016, em Vitória-Gasteiz, capital do País-Basco, com o título *Arqueologia da desigualdade social na Europa alto-medieval: tributo a Chris Wickham*, ele próprio autor das conclusões deste livro.

O tema da *agência*, tão caro à Arqueologia pós-processualista anglo-saxónica, pode dizer-se que domina e pauta esta obra, dando uma coerência epistemológica aos diversos contributos, já de si fortemente centrados numa questão científica: a discussão das bases empíricas disponíveis, suas potencialidades e limitações, coerências e anomalias; quais as metodologias disponíveis e enfoques teóricos verosímeis para a compreensão das sociedades de *facies* local, rural, da Alta Idade Média da Europa ocidental e sobretudo do seu quadrante sudoeste.

Como sublinha Juan Antonio Quirós Castillo, no texto *Equal and Unequal Societies in Early Medieval Europe. An Introduction*, três linhas de pesquisa para a análise social da Alta Idade Média nascem das transformações sociais e económicas ocorridas ao longo do século XX, a uma escala global: numa primeira fase, o nascimento do Estado social e a consolidação das classes médias, com o pós-crise dos anos 1930, e, sobretudo, com o pós-segunda Guerra Mundial; numa segunda fase, o recrudescimento dos fossos sociais a partir dos anos 1980, através da aplicação de

políticas neo-liberais e, como consequência, nos países mais desenvolvidos, da concorrência comercial de um mundo globalizado, onde se produz lentamente a transferência de riqueza de países do primeiro mundo para outros, em vias de desenvolvimento, que tomam gradualmente a locação das unidades produtivas. Tem-se retomado assim uma tendência da *History from below*. Essas linhas são:

1 – a importância de guerras, pandemias e desastres naturais; e a relação delas, positiva ou negativa, com as desigualdades sociais;

2 – uma perspectiva evolucionária, conformada numa Arqueologia antropológica, para a análise da emergência de sociedades desiguais no passado;

3 – análises comparativas de processos culturais de longa-duração, com a aplicação de métodos estatísticos avançados, como o Coeficiente de Gini ou as Curvas de Lorenz.

Ou seja, estamos hoje, tanto do ponto de vista historiográfico como arqueológico (e o desenvolvimento da Arqueologia Medieval Rural foi aqui determinante nas últimas décadas), longe das visões tradicionais que definiam as sociedades rurais como elementos passivos, sem capacidade efectiva de serem agentes de mudança, num quadro histórico eminentemente atomizado, com uma economia doméstica, auto-suficiente, de troca-directa. Longe também de um quadro onde meramente subsistem comunidades rurais desagregadas, partilhando territórios instáveis, com geo-política flutuante, apenas agregados por poderes civis e religiosos de tendência, eles sim, supra-regionais. O referido desenvolvimento da Arqueologia Medieval Rural veio, pois, permitir o diagnóstico de múltiplas comunidades e estratégias locais, por contraposição às melhores conhecidas elites e sua *agência*. Mas o crescente interesse pelas desigualdades é filho também da contemporaneidade e das circunstanciais actuais de Historiadores e Arqueólogos: neste tópico, a crise iniciada, em 2008, no sistema financeiro, e as disrupções sociais e regionais daí decorrentes, influenciaram sem dúvida os enfoques dos especialistas do passado humano e têm incentivado a busca de explicações estruturais, na longa-duração, para as crises sistémicas das sociedades.

A Alta Idade Média é, neste sentido, um quadro temporal que possibilita múltiplas análises sobre as alterações sociais, as transformações e adaptações dos grupos humanos, num quadro epistemológico que radica sem dúvida numa visão de mundo em mudança, entre dois grandes sistemas de grande durabilidade: um, mais, antigo, do Império Romano do Ocidente; outro, que lhe vai suceder, o do mundo feudal europeu.

Aqui, duas obras recentes marcam o debate historiográfico: Bryan Ward-Perkins – *The Fall of Rome and the End of Civilization*, em 2005, e Chris Wickham – *The Inheritance of Rome: A History of Europe from 400 to 1000*, em 2009. E a Arqueologia da Antiguidade Tardia, no seu fâcies urbano e comercial, de estudo das relações de longa-distância, tem provado como a visão profundamente negativista do primeiro autor, bem expressa na escolha do título do seu livro paradigmático, necessita de uma revisão. Os dados apontam crescentemente para um quadro heterogêneo de rupturas e continuidades, que radicam no Baixo-Império Romano e que só terminarão definitivamente, como há muito propôs Henri Pirenne, em *Maomé e Carlos Magno*, com o eclodir dos mundos carolíngio e árabe.

Voltando à obra em apreço, ela é composta por 17 artigos de autores (provenientes de sete países diferentes) centrados sobretudo no Sudoeste europeu, com excepção de um trabalho sobre a América do Norte (Robin Beck analisa a formação das desigualdades na área do Mississipi, em particular na área urbana de Cahokia, através dos conceitos de chefaturas complexas e pequenos estados). O livro tem um enfoque maior na área setentrional ibérica, com Portugal, mas sobretudo o Norte da actual Espanha em análise. Como afirma Juan Antonio Quirós Castillo, no prefácio da obra, é um conjunto de “notable efforts to explicit theoretical and methodological aspects such as the relationships between history and archaeology, social anthropology, social history and historical materialism”.

Divide-se em três grandes conjuntos de artigos, em crescendo de importância quantitativa de contributos.

No capítulo denominado *State Formation and Socio-Political Complexity*, a Alta Idade Média é apresentada como um laboratório de excelência para o estudo de sociedades/comunidades não-estatais, proto-estatais, com ou sem sistema de impostos, de estados falhados e das transformações estruturais ocorridas após o colapso do Império Romano e da instalação dos reinos bárbaros. Uma pergunta central emerge: qual a visibilidade arqueológica deste processo histórico? Neste sentido, o título do contributo de Julio Escalona, *Towards an Archaeology of State Formation in North-Western Iberia*, é bem elucidativo da necessidade de a Arqueologia ir aperfeiçoando a sua capacidade metodológica de leitura das realidades inferíveis, que vão muito para além da cultura material directa tipificada pelos Arqueólogos.

No capítulo denominado *Economic Specialization, Elite Demand and Social Inequality*, problematiza-se uma questão complexa que tem dividido naturalmente os Arqueólogos quanto à abordagem metodológica a implementar e quais as reais capacidades de percepção e quantificação dos fenómenos através da cultura material: para uns, a capacidade de atingir este conhecimento é questionável; para outros, a materialidade é um elemento intermédio que reflecte categorias sociais, funcionalidades e modos de vida.

O papel da cerâmica neste processo de estudo é o alvo dos artigos de Sauro Gelichi, Francesca Grassi ou de Catarina Tente. Destaca-se também a importância crescente da Zooarqueologia para o estudo da alimentação e das estratégias de vida. Este aspecto metodológico, a par das análises paleo-botânicas, têm permitido por exemplo, o fortalecimento da compreensão das comunidades rurais do Interior setentrional português, com sítios a revelarem estratégias de especialização diversas, como o demonstra a autora portuguesa.

Richard Hodges defende a existência de comunidades essencialmente precárias até ao século IX, sensivelmente; por outras palavras, até à formação dos reinos medievais, ao mundo carolíngio e à implantação do poder árabe, consoante os casos geográficos. No sentido inverso, Edith Peytreman, com o título *Indications of an*

Estate Economy from a Renewed Analysis of Sites of Rural Settlements, debruça-se sobre, por exemplo, a capacidade da economia rural produzir excedentes e a leitura espacial desses fenómenos em escavação arqueológica.

No capítulo denominado *'Small World' and Social Inequalities*, o enfoque muda-se então para uma outra questão, eminentemente decorrente do segundo conjunto articular. Encontra-se estruturado em trabalhos focados em duas grandes áreas geográficas: sociedades locais do espaço carolíngio, onde estruturas aristocráticas e clericais (mosteiros) encabeçam um sistema de bens públicos até ao século IX; sociedades locais no Noroeste da Península Ibérica, onde os referidos supra-poderes são menos cruciais na estruturação dos territórios e das comunidades até ao século X, onde pontuam agentes históricos em constante negociação, a uma escala local e regional, como demonstra o artigo de Iñaki Martín Viso, sobre a área de Léon no século X, bem como o de Álvaro Carvajal Castro.

A estruturação demográfica, a sua hierarquização e horizontalidade, social e espacial, são por isso, questões-chave na análise arqueológica: como se agrupam ou concentram conjuntos dispersos de indivíduos/famílias/pequenas comunidades em estabelecimentos de maiores dimensões, formando comunidades rurais mais sólidas e potenciando as identidades geográficas/territoriais?

Neste aspecto, os estudos de Juan Antonio Quirós Castillo, sobre Álava e Madrid, no que toca às suas práticas funerárias, analisam as dinâmicas sócio-culturais de duas regiões distintas. Por fim, Carlos Tejerizo, sobre a região do Douro, aponta dois vectores de desenvolvimento destas comunidades locais, mais ou menos atomizadas, tão caros à Arqueologia da Pré-História ao longo do século XX central (passe a comparação epistemológica): um desenvolvimento autónomo, evolucionista; ou um desenvolvimento por contactos externos, ou melhor, intervenções externas, em modo difusionista.

Três outros contributos deste segmento sintetizam aspectos da economia civil (num caso, com relação à estrutura religiosa), ocorridas nos espaços actualmente francês

e italiano: Jean-Pierre Devroey e Nicolas Schroeder, sobre *fósseis-directores* da desigualdade social; Igor Santos Salazar, sobre aspectos fiscais em relação à Igreja; Fabio Saggioro, sobre o papel das antigas *villae* romanas, nas estruturas de continuidade de ocupação dos espaços em plena Alta Idade Média.

O livro é finalizado naturalmente por Chris Wickham, autor, como referido, das conclusões. A sublinhar: o papel da Arqueologia no diagnóstico, compreensão e problematização destes agentes locais, da sua interacção com os poderes seculares e clericais e as similitudes destes processos em regiões tão diversas como a Itália, França ou a Península Ibérica. E segundo Chris Wickham, as estratégias das elites podem consistir em três modalidades: o domínio sobre a própria comunidade; colaborar com poderes externos; ou colaborar com comunidades vizinhas para resistir a influências externas a elas. De forma heterogénea, o registo arqueológico também demonstra contactos e dinâmicas supra-regionais – os tais vectores de continuidade que nunca morreram com o desaparecer do poder político supra-regional romano.

Esta edição conta assim com notáveis contributos empíricos, metodológicos e teóricos para o estudo arqueológico e histórico dessa longa-duração decorrente entre o século V e o século X, conhecida por Alta Idade Média.

COMO CITAR ESTE ARTIGO | HOW TO QUOTE THIS ARTICLE:

QUARESMA, José Carlos – “QUIRÓS CASTILLO, Juan Antonio (ed.) – *Social inequality in Early Medieval Europe. Local societies and beyond*. Turnhout: Brepols, 2020 (360 pp.)”. *Medievalista* 29 (Janeiro – Junho 2021), pp. 343-350. Disponível em <https://medievalista.iem.fcsh.unl.pt>.

